



PRÁTICAS CORPORAIS COOPERATIVAS NA EDUCAÇÃO BÁSICA: ANÁLISE A PARTIR DE UM ENCONTRO DE FORMAÇÃO NOS PROGRAMAS DE RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA E PIBID

Emanuel Gustavo Lopes da Silva ¹
Paula Borgato Penha Fonseca ²
Pedro Henrique Siqueira Silvestre ³
Pedro Henrique Soares Sales ⁴
Ioranny Raquel Castro de Sousa ⁵

RESUMO

As práticas cooperativas são empregadas com o intuito de atingir uma série de objetivos educacionais e sociais, como cultivar habilidades de cooperação, comunicação e resolução de conflitos entre os participantes. Aqui, objetivou-se analisar a experiência de estudantes participantes do PRP e do PIBID do UDF em um encontro de formação voltado às práticas corporais cooperativas na Educação Básica e identificar o nível de conhecimento acerca de práticas cooperativas. Trata-se de uma pesquisa de campo descritiva, com a participação de 105 estudantes dos cursos de licenciatura em Educação Física, Pedagogia, Letras e História do UDF. Para tanto foram desenvolvidas sete atividades práticas (balão vivo, Nó humano, Caneta coletiva, Pique corrente, Futebol cooperativo e inclusivo, Vôlei cooperativo e Caça ao tesouro). Para que fosse analisado a experiência dos participantes, foram aplicados dois questionários (formulário eletrônico), antes e após a prática, elaborado pelos autores. A experiência de estudantes participantes do PRP e do PIBID do UDF em um encontro de formação voltado às práticas corporais cooperativas na Educação Básica mostrou-se positiva e relevante para a formação acadêmica desses futuros professores. Foi possível identificar que os estudantes possuem pouco conhecimento acerca de práticas cooperativas.

Palavras-chave: Cooperação, Licenciaturas, Educação básica.

INTRODUÇÃO

A abertura política brasileira durante a década de 80 foi pano de fundo para um movimento de reinterpretação da educação física escolar e de quais contribuições eram

¹ Graduando do Curso de licenciatura em Educação Física do Centro Universitário do Distrito Federal (UDF) – DF, Residente do subprojeto do Programa de Residência Pedagógica da CAPES, emanuelcaje@gmail.com;

² Graduando do Curso de licenciatura em Educação Física do Centro Universitário do Distrito Federal (UDF) – DF, Residente do subprojeto do Programa de Residência Pedagógica da CAPES, paulaborgato@hotmail.com;

³ Graduando do Curso de licenciatura em Educação Física do Centro Universitário do Distrito Federal (UDF) – DF, Residente do subprojeto do Programa de Residência Pedagógica da CAPES, pedrophsoares@hotmail.com;

⁴ Graduando do Curso de licenciatura em Educação Física do Centro Universitário do Distrito Federal (UDF) – DF, phssljcd@gmail.com;

⁵ Professora orientadora: Doutora em Educação Física, Docente orientadora no Programa de Residência Pedagógica da CAPES, subprojeto de Educação Física no Centro Universitário do Distrito Federal (UDF) - DF, iorranyraquel@gmail.com.



possíveis de serem esperadas pela disciplina dentro do contexto da educação. Entre as múltiplas abordagens do que poderia significar a Educação Física diante desta nova escola, Fábio Brotto (1999), em sua obra, Jogos Cooperativos - O Jogo e o Esporte como Exercício de Convivência, traz a ideia de cooperação em detrimento da competição.

Brotto (1999) aponta um condicionamento multisetorial dentro da sociedade para fazer com que as pessoas acreditem que a competição é uma opção natural. Ele propõe a utilização dos Jogos Cooperativos como antítese de tal ideia, resgatando o potencial de realizar objetivos em comum e viver juntos. Segundo o autor, a diversão proporcionada pela cooperação é capaz de criar um sentimento de aceitação mútua, de vitória coletiva, enquanto os jogos competitivos são divertidos apenas para alguns, privilegiando o desempenho individual.

O jogo é o protagonista da perspectiva proposta por Brotto (1999) pela sua capacidade de atuar no âmbito atitudinal. A oportunidade de viver novas alternativas, a facilidade em se estabelecer comunicação e a possibilidade de transpor mensagens faz com que ele seja vetor para reimaginar a sociedade com base em justiça e solidariedade, "aprendendo a viver uns com os outros ao invés de uns contra os outros" (SOLER, 2011, p.28).

Para entender tal proposta é preciso antes ter a compreensão do papel da educação crítica na formação da cidadania e qual a contribuição desta durante as etapas de ensino. Segundo Zotovici (2007) é responsabilidade da educação formar cidadãos capazes, fornecendo-lhes uma ampla gama de recursos e educando-os com um senso de responsabilidade social para aumentar suas possibilidades de transformar esse espaço social no qual está inserido. As experiências vividas nestas etapas serviriam como base para decisões e projetos futuros. Torna-se necessário então aliar informação com o desenvolvimento de novas habilidades e compreensões que colaborem com a formação para o exercício da cidadania em sua plenitude.

Ainda para Zotovici (2007) existe um rol de atributos que se espera que esse estudante alcance. Fazem parte dele questões como "vivenciar a cidadania como participação social e política, assim como direitos e deveres", "praticar o diálogo como forma de mediar conflitos" e "tornar-se uma pessoa saudável, autônoma, com grande capacidade de inserção social" (ZOTOVICI, 2007, p. 148-149).

Investidas nessa formação voltada à plena cidadania, observando o rol proposto por Zotovici (2007), as práticas cooperativas se afastam intencionalmente da clássica perspectiva competitivista e oportunizam aos alunos uma prática centrada na ação-reflexão-ação, que, segundo Serique (2011), permite ao educando desenvolver a autonomia do fazer e a consciência sobre o que se faz.

São muitas as vantagens dos jogos cooperativos no cenário escolar, isso porque eles têm o poder de reduzir a evasão dos estudantes nas aulas, diminuir a falta de engajamento na participação, facilitar a inclusão e fomentar a socialização entre os alunos, independentemente das diferenças físicas, motoras ou cognitivas. Além disso, os jogos cooperativos proporcionam satisfação e incentivam o respeito mútuo, por isso é importante incentivar a prática de tais atividades (OLIVEIRA, DE SOUZA FERREIRA, DE ALENCAR, 2022).

De acordo com Correia (2006) e Orlick (1978) os jogos cooperativos são práticas milenares que remontam às comemorações grupais das antigas tribos sobre a vida. Essas celebrações corriam sem infringir ou desrespeitar o bem-estar físico e mental dos participantes, incorporando os princípios essenciais dos jogos cooperativos. Já o desenrolar contemporâneo, segundo Brotto (1997), é uma resposta à competição exacerbada, que vem sendo impulsionada pela hipervalorização do ego e do individual e que marca o cenário atual no ocidente.

Gonçalves e Fischer (2007) reforçam tal apontamento de Brotto (1997) ao indicar a tendência da sociedade de reproduzir a própria vivência durante o jogo. O estudo percebeu uma menor adesão às atividades cooperativas na esfera ocidental, o que contribui para atual solidificação de um comportamento capitalista, individual e competitivo.

Na contramão do competitivismo social, Mendes et al (2009) sugere que a cooperação seja utilizada no sistema educacional como ferramenta na construção de uma formação integral do aluno. Seu foco é promover, por meio do coletivo, a autoestima, e também estimular a convivência social, pois há sempre a valorização do trabalho coletivo.

Orlick (1989) dentro desta possibilidade pedagógica, menciona que há quatro possíveis classificações para os jogos cooperativos, que são: jogos sem perdedores (todos formam um único time para atingir um objetivo em comum), jogos de resultado coletivo (os participantes são divididos em duas equipes para atingir um objetivo em comum), jogos de inversão (os participantes são divididos em equipes e durante o jogo ocorre uma troca entre as equipes) e jogos semicooperativos (os participantes são divididos em equipes, e durante o jogo jogam uns contra os outros, mas com um objetivo único no final).

A ideia da cooperação na educação, segundo Correia (2007), é retirar o protagonismo do espírito competitivo que sempre tem seu objetivo em encontrar um vencedor, buscando assim entender o verdadeiro sentido de vitória. Sentido esse, que segundo Almeida (2003) está voltado a engrandecer as predisposições humanas básicas como, por exemplo, a autoestima, a alegria, o amor, entre outros.

Na tentativa de possibilitar maior e melhor aplicação dos jogos (ou práticas) cooperativas na Educação Básica é que foi pensado e executado um encontro de formação junto

ao Programa de Residência Pedagógica (PRP) e Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) para que os estudantes dos cursos de licenciatura em Educação Física, Pedagogia, Letras e História do Centro Universitário do Distrito Federal (UDF) assim os vivenciassem e pudessem ter novas experiências para agregar as rotinas das escolas-campos aos quais estão inseridos.

Vale ressaltar que o PRP é um programa cujo objetivo é o aperfeiçoamento da formação inicial de professores da educação básica nos cursos de licenciatura. Esse programa é da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES, e é uma das ações que integram a Política Nacional de Formação de Professores (CAPES, 2018).

O PRP permite uma imersão dos alunos de licenciatura nas escolas de educação básica, o que faz exercitar de forma ativa a relação entre teoria e prática profissional docente, fomentar a diversificação das estratégias metodológicas e práticas pedagógicas nos cursos de licenciatura e ainda contribuir para a articulação entre teoria e prática necessárias à formação dos profissionais da educação básica (CAPES, 2018).

Já o PIBID tem como finalidade possibilitar que estudantes da primeira metade de cursos de licenciatura se aproximem da realidade de escolas públicas de educação básica, contribuindo assim com o aperfeiçoamento da formação de docentes em nível superior. Um dos objetivos do programa é proporcionar oportunidades de criação e participação em experiências metodológicas, tecnológicas e práticas docentes de caráter inovador e interdisciplinar que busquem a superação de problemas identificados no processo de ensino-aprendizagem (CAPES, 2018).

Com o presente estudo, objetivou-se analisar a experiência de estudantes participantes do PRP e do PIBID do UDF em um encontro de formação voltado às práticas corporais cooperativas na Educação Básica e identificar o nível de conhecimento acerca de práticas cooperativas.

METODOLOGIA

O estudo foi realizado em agosto de 2023, no UDF, caracterizando-se como uma pesquisa de campo descritiva. Deu-se a partir de um encontro de formação junto ao PRP e PIBID voltada às práticas corporais cooperativas na Educação Básica. Para tanto, foram desenvolvidas sete atividades com foco na cooperação, seguindo os princípios da pedagogia da cooperação proposta por Brotto (2013) e da classificação para os jogos cooperativos (jogos sem perdedores) proposta por Orlick (1989). A primeira atividade desenvolvida para trabalhar a

prática “In-quieta-ações”, foi o balão vivo que tinha como objetivo compartilhar perguntas, dúvidas, inquietações e incertezas sobre o tema/foco da formação e consistiu em orientar os participantes a manterem os seus respectivos balões 'vivos', ou seja, sem estourar e quem conseguisse chegar ao final com seu balão intacto seria o vencedor. Contudo, a orientação limitada foi intencional para testar o condicionamento dos participantes à prática competitiva, já que o aspecto oculto da brincadeira é: não há a necessidade de estourar o balão do outro, apenas a de não deixar o seu próprio estourar.

Para trabalhar a prática “Soluções Como-uns”, a atividade desenvolvida foi o nó humano, com objetivo de promover a troca de ideias e a circulação dos participantes pelas várias “In-Quieta-Ações”, criando um ambiente de inovação e colaboração para reunir o que há de melhor em cada um para chegar ao melhor da comum-idade.

O nó humano consistiu em organizar os participantes em círculo de mãos dadas. O desafio inicial era decorar quem estava à sua direita e à esquerda. No segundo momento, todos deveriam soltar as mãos e se movimentar livremente pelo pequeno espaço determinado. Finalmente, todos deveriam achar os parceiros que estavam à esquerda e à direita e, sem sair do lugar, dar as mãos novamente para a pessoa que estava à direita e à esquerda, formando assim um nó humano com as mãos dadas e entrelaçadas entre todos os participantes. Sem soltar as mãos, os participantes deveriam refazer a formação original do círculo.

Para trabalhar “Alianças e Parcerias” de forma desafiadora e impossível de se realizar individualmente, foi proposto que cada integrante deveria segurar e esticar um fio do barbante preso a uma caneta, de forma a manter a caneta suspensa no centro sobre uma folha de papel, onde o professor/mediador deveria pedir um desenho ou mensagem a ser escrita. O grupo deveria controlar a caneta e realizar o desenho sobre a folha de papel. Dessa forma, foi possível exercitar habilidades de com-vivência (autonomia, parceria, respeito mútuo, confiança, empatia, etc) para restaurar e/ou fortalecer as relações de parceria e cooperação no grupo.

Com intuito de trabalhar o “Com-Tato”, promovendo aproximação e integração dos participantes, foi proposta a brincadeira do pique-corrente, iniciando com uma pessoa escolhida para ser o pegador e quando alguém fosse pego, deveria dar a mão para o pegador e passa a atuar em dupla com ele. Em seguida, em trio, quarteto e assim sucessivamente, formando uma “corrente”.

No “Com-Trato”, foi proposto um futebol inclusivo e cooperativo, onde as equipes foram divididas entre vendados, que seriam responsáveis por conduzir a bola, e não vendados, que tinham o papel de auxiliar/guiar os que estavam vendados. O grupo então deveria conduzir a bola, devendo passar por todos os vendados, até o gol, de forma inclusiva e descontraída,

trabalhando atividades que estimulem o compartilhar, a comunicação, onde todo o grupo tenha conhecimento dos cuidados necessários para promover e sustentar uma sensação de bem-estar pessoal e coletivo.

Foi proposta a atividade do voleibol cooperativo na prática do “VenSer”, para desenvolver atividades facilitadoras da tomada de consciência de si e da ComumUnidade. Simples, reflexivas e celebrativas, reconhecendo a cada passo da caminhada as aprendizagens pessoais e coletivas conseguidas. Dessa forma, as equipes foram divididas e colocadas em lados opostos da "quadra" com a missão de não deixar a bola cair. O grupo começou com 20 pontos e a cada vez que a bola cair perde-se 1 (um) ponto. Para dificultar, a cada espaço de tempo foi adicionada uma bola a mais ao jogo

Para finalizar, a última atividade com “Projetos de Cooperação”, deu-se por meio da prática de pequenas, simples e poderosas atitudes e comportamentos colaborativos, a proposta foi de um caça ao tesouro, onde todos os grupos deveriam atuar juntos, cada um cumprindo uma determinada parte da tarefa, como forma de ampliar o conceito cooperativo. Os participantes resolveram os enigmas das pistas de cada grupo para encontrar a recompensa. Cada mistério revelado indicava o lugar em que o próximo estaria escondido até chegar no "grande prêmio". O objetivo era criar e realizar um projeto favorecendo a prática da cooperação a partir de si mesmo ou de seu grupo.

Para que fosse analisado a experiência dos participantes, foram aplicados dois questionários (formulário eletrônico), antes e após a prática, elaborado pelos autores, contendo perguntas objetivas e abertas (identificação, expectativas para a formação, nível de conhecimento acerca das práticas cooperativas, importância das práticas cooperativas no ambiente escolar e opiniões sobre as atividades ofertadas).

Participaram do estudo 105 estudantes, sendo 76 integrantes do PIBID, 26 do PRP e 3 do Projeto Interdisciplinar. Quantos aos cursos, havia estudantes dos cursos de licenciatura em Educação Física (7,7%), Pedagogia (39,4%), História (17,3%) e Letras (35,6%).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

No que tange aos resultados, 34,6% dos participantes declararam uma alta expectativa quanto a formação em práticas corporais cooperativas na Educação Básica, conforme pode ser visto no gráfico 1. Ao final, questionado foi sobre o alcance das expectativas e 71,4% dos estudantes relataram que suas expectativas foram atingidas. Foi questionado quais eram as

expectativas e as respostas voltaram-se a “Aprender”, “Ter novas experiências” e “Compreender as práticas cooperativas”.

É importante que futuros professores tenham acesso a diferentes formações ao longo de sua graduação, uma vez que, segundo Alvarado-Prada (2010), a formação pode ser vista como um percurso de distintas vivências, permitindo que os sujeitos desenvolvam-se, construam relações e possam associar aquilo que ali é vivido às suas próprias experiências.

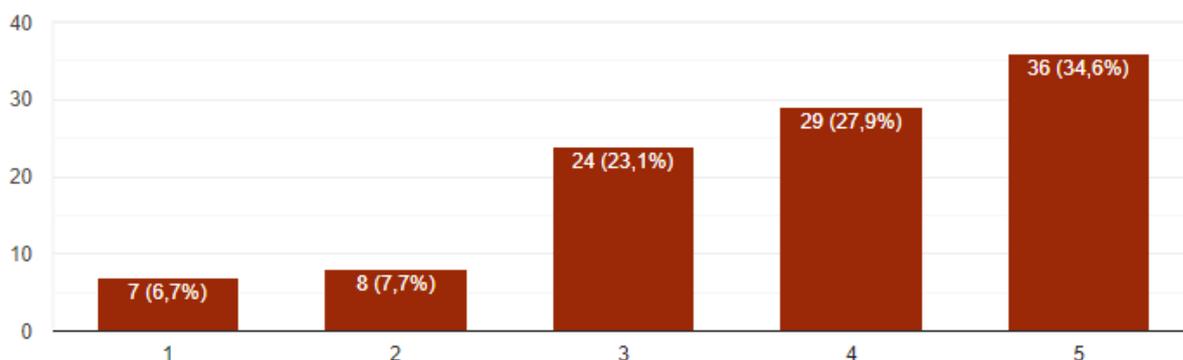


Gráfico 1. Expectativas para o Encontro de Formação em Práticas corporais cooperativas na Educação Básica.

Legenda: escala linear sendo 1 para baixa expectativa e 5 para alta expectativa

No primeiro questionário, perguntou-se também sobre o nível de conhecimento das práticas cooperativas. Os estudantes declararam, em sua maioria, ter um nível de conhecimento médio (37,1%), conforme pode ser visto no gráfico 2.

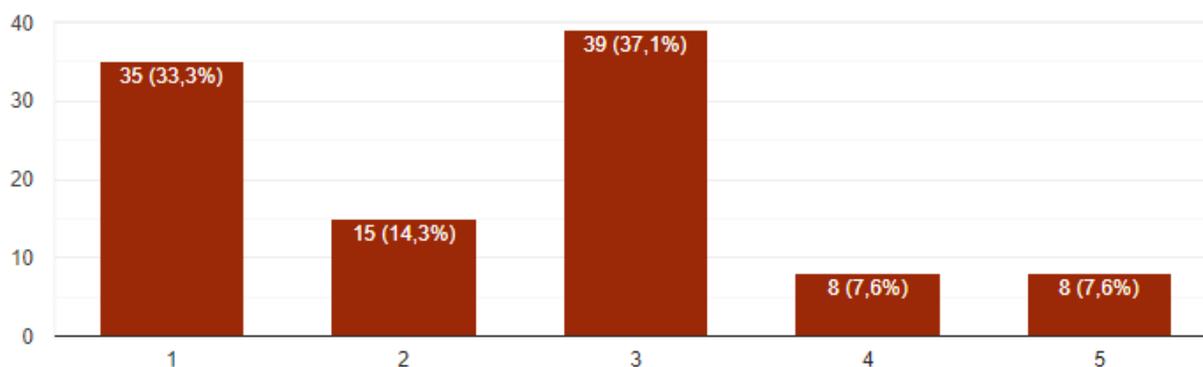


Gráfico 2. Nível de conhecimento em práticas cooperativas.

Legenda: escala linear sendo 1 para pouco conhecimento e 5 para ótimo nível de conhecimento.

Sobre a importância das práticas a favor da cooperação no ambiente escolar, alguns apontamentos se fizeram mais presentes, como: “Interação entre os estudantes e docentes”, “União”, “promoção do trabalho em grupo e do fortalecimento social”, “que a educação se faz na coletividade, na cooperação e colaboração entre os sujeitos envolvidos”, “Romper com a

competitividade selvagem”, “para ensinar respeito e paciência” e “Favorecer a empatia, o trabalho em equipe, fazer com que as crianças aprendam a solucionar problemas em conjunto”.

Esses apontamentos estão em consonância com estudo desenvolvido por Silva (2018), onde é afirmado que a utilização de jogos cooperativos na rotina escolar pode favorecer o respeito, a socialização, a ajuda ou o trabalho em equipe, por exemplo. O autor sugere ainda que a socialização e o companheirismo que podem ser desenvolvidas nessas práticas pode exercer influência não apenas na relação aluno-aluno, mas também na relação aluno-professor, bem como a possibilidade de tornar o aluno um ser pensante nas necessidades coletivas.

Autores como Brotto (1999), Zotovici (2007) e Serique (2011) já apresentavam a ideia que as práticas cooperativas são necessárias para que haja um resgate de objetivos comuns e que possibilitem aos sujeitos viverem juntos, uns com os outros e não contra os outros, fortalecendo a imaginação de uma sociedade com princípios de justiça e solidariedade.

No segundo questionário, foi solicitado que os estudantes participantes indicassem quais práticas realizadas mais os marcaram e qual havia sido a mais cooperativa, sendo então o Futebol Cooperativo e Inclusivo (Com-Tato), o Vôlei Cooperativo (VenSer) e o Caça ao Tesouro (Projetos de Cooperação) indicadas como as mais marcantes e prática de Nó Humano (Soluções Como-uns) como a prática que atendia completamente os princípios da cooperação. Acredita-se que essas práticas possam ter maior representatividade para os estudantes, pois a interação para sua realização foi maior e o sentimento de recompensa coletiva também se fez mais presente. Almeida (2003) salienta que os jogos cooperativos possibilitam que os participantes possam ter alteração ou reforço de seus sentimentos, como a alegria ou o respeito, por exemplo e Brotto (1999) reforça a questão do sentimento de aceitação mútua ou de vitória coletiva.

Nesse sentido, Soler (2011) enfatiza que os jogos cooperativos podem apresentar condições libertadoras e que possibilitam a criação, uma vez que se distanciam das pressões existentes nos jogos competitivos. Fato que também pode explicar a indicação de atividade mais cooperativa (entre as sete ofertadas).

No que tange aos fatores impeditivos para a aplicação de práticas cooperativas no ambiente escolar os participantes apontaram: preguiça (por parte dos professores), individualismo, falta de trabalho em equipe, espaço adequado, competitividade, falta de planejamento, falta de comunicação, motivação dos estudantes e ensino centrado na abordagem tradicional.

À vista disso, Santos e Silva (2020) apontam que de fato faz-se necessário que o professor elabore com cuidado o seu planejamento e que a inserção dessas práticas cooperativas

seja feita de maneira ponderada para que não haja estranhamento por parte dos estudantes, principalmente daqueles que são mais adeptos das práticas competitivas e individualistas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência de estudantes participantes do PRP e do PIBID do UDF em um encontro de formação voltado às práticas corporais cooperativas na Educação Básica mostrou-se positiva e relevante para a formação acadêmica desses futuros professores. Foi possível identificar que os estudantes possuem pouco conhecimento acerca de práticas cooperativas.

Ao participarem das atividades cooperativas propostas, os integrantes da Residência Pedagógica (PRP) e do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) tiveram que manifestar uma coletividade para atingir os objetivos apontados. Desenvolver uma comunicação eficiente, planejar as ações e tomar decisões conjuntas, foram alguns dos resultados observados que evidenciam a melhorando de suas habilidades sociais, o que prepara-os para interações no mundo real.

Tais práticas contribuem ainda para a compreensão da importância do trabalho em equipe na consecução de objetivos comuns. Essa perspectiva é transferível para contextos fora da escola, como carreiras profissionais e vida cotidiana. Ao vivenciarem o sucesso alcançado por meio da cooperação, os participantes puderam perceber que a vitória não está apenas na supremacia individual, mas sim na capacidade de unir forças para superar desafios.

Tão logo, a inserção de práticas cooperativas nas aulas da Educação básica faz-se necessário porque podem oferecer uma ampla gama de benefícios educacionais e sociais. Essas práticas promovem a colaboração e o trabalho em equipe, habilidades cruciais para o desenvolvimento pessoal dos escolares. Além disso, as práticas cooperativas cultivam um ambiente inclusivo e respeitoso, onde todos os alunos têm a oportunidade de contribuir com suas habilidades únicas, independentemente do nível de aptidão física e isso pode resultar em maior autoestima e motivação para participar ativamente das aulas. Dessa forma, as aulas que incorporam jogos cooperativos não apenas promovem a atividade física, mas também moldam cidadãos mais conscientes, colaborativos e preparados para enfrentar as complexidades do mundo contemporâneo.

AGRADECIMENTOS

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Marcos. **Jogos Cooperativos na Educação Física**: uma proposta lúdica para a paz. III Congresso Estatal y I Iberoamericano de Actividades Físicas Cooperativas. Gijón (Astúrias). Ceará, 2003.

ALVARADO-PRADA, Luis Eduardo; FREITAS, Thaís Campos; FREITAS, Cinara Aline. Formação continuada de professores: alguns conceitos, interesses, necessidades e propostas. **Rev. Diálogo Educ**, p. 367-387, 2010.

BROTTO, Fábio Otuzi. **Jogos cooperativos**: o jogo e o esporte como um exercício de convivência. Projeto Cooperação, Santos-SP, 2001.

BROTTO, Fábio Otuzi; ARIMATÉA, D. J. Pedagogia da cooperação. **Brasília: Fundação Vale UNESCO**, 2013.

CAPES. Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. Edital 6: Chamada pública para apresentação de propostas no âmbito do programa de residência pedagógica. 2018. Brasília: Ministério da Educação, 2018.

CORREIA, M.M. **Jogos cooperativos**: perspectivas, possibilidades e desafios na educação física escolar. *Rev. Bras.Ciênc. Esporte*, v.27, n.2, p.149-164, 2006a.

DE ALMEIDA, Marcos Teodorico Pinheiro. **Jogos cooperativos na Educação Física**: uma proposta lúdica para a paz. In: Ampliando horizontes a la cooperación [Archivo de ordenador]: actas del III Congreso Estatal y I Iberoamericano de Actividades Físicas Cooperativas, Gijón (Asturias), 30 de junio al 3 de julio de 2003. La Peonza Publicaciones, 2003.

DEMO, Pedro. **O professor do futuro e a reconstrução do conhecimento**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

GONÇALVES, N.K.R.; FISCHER, J.K.R. **Cidadania e jogos cooperativos**: vivenciando práticas de cooperação em uma sala de ensino fundamental. *Rev. UNAR*, v.1, n.1, p.55-66, 2007.

MEIER, Marcos; GARCIA, Sandra. **Mediação da Aprendizagem – contribuições de Feuerstein e de Vygotsky**. Curitiba, Edição do autor. 3ª Ed. 2008.

MENDES, L. C.; PAIANO, R.; FILGUEIRAS, I. P. **Jogos cooperativos**: eu aprendo, tu aprendes e nós Cooperamos. *Revista Mackenzie de Educação física e Esporte*. São Paulo. V. 8, n. 2, 2009.

OLIVEIRA, Aylla Alexa; DE SOUZA FERREIRA, Taysa; DE ALENCAR, Gildiney Penaves. Contribuições dos jogos cooperativos na Educação Física escolar. Uma revisão integrativa. **Lecturas: Educación Física y Deportes**, v. 27, n. 290, 2022.

SANTOS, Paulo Roberto Barbosa; SILVA, Alexsandro Santos. A importância dos jogos cooperativos no ambiente escolar. **REVES-Revista Relações Sociais**, v. 3, n. 3, p. 0251-0261, 2020.

SERIQUE, Jorge. Pedagogia da Educação Física no ensino médio. In SANCHES, Alcir (coord.). **Educação física a distância: módulo 8**. Brasília: Universidade de Brasília, Faculdade de Educação Física, 2011.

SILVA, Fábio Júlio Serafim. JOGOS COOPERATIVOS COMO FERRAMENTA PEDAGÓGICA PARA AS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA. **Revista Carioca de Educação Física**, v. 13, n. 1, 2018.

SOLER, R. **Brincando e Aprendendo com os Jogos Cooperativos**. Rio de Janeiro: 3ª edição: Sprint, 2011.

SOLER, Reinaldo. **170 jogos cooperativos: aprendendo a jogar o grande jogo da vida**. Rio de Janeiro: Sprint, 2011.

ZOTOVICI, Sandra. A ginástica geral como prática pedagógica na Educação Física Escolar. In SCARPATO, Marta (org.). **Educação Física: como planejar as aulas na Educação Básica**. São Paulo: Avercamp, 2007.